



AO DOUTOR JOSÉ DA SILVA XAVIER,
Exortando-o a celebrar na sua Poesia
os grandes Filósofos do Século XVIII

(...)
Um século c'roado d'alta glória
Levou na fronte seus excelsos nomes,
Que dão objecto a peregrino canto.
Tu nele louvarás os Varões sábios,
Buffon, o novo Plínio, que divaga
Por todas as campinas da natura,
Que a seus extensos olhos se apresenta:
O claro Vallisnier, jamais cansado,
Que vales, campos, montes, altas serras,
Escarpados rochedos discorrendo,
No alcance vai das intimas verdades:
Guétard e Saussure, e o grão Valério,
As minas, e as montanhas indagando,
Novos portentos descobrir puderam:
Também Marsigli audaz, que se submerge
No profundo do mar, que grandes coisas
De lá nos trouxe à clara luz do dia,
Que inda a marinha Tétis recitava
Sob o cerúleo véu de imensas águas.
Qual rima não merece sublimada
Lineu o Dioscórides moderno,
Que senhor dos segredos d'alta Flora,
Novo sistema sexual das plantas,
A'prisca idade ignoto, patenteia!
Reduz com génio criador à Arte,
Quanto em diversas classes pôs natura!

(...)
Colherás de Hélicon formosos loiros
Com que possas c'roar as doudas fronte
Ao nobre Lavoisier e ao claro Junker,
A Stahl, e a Geoffroy, Químicos sublimes,
E ao subtil Macquer, a quem deu natura
Os corpos descompôr, formar potente
Extracção dos metais, que o mundo assombra.
Eis já outros em cena te aparecem
Com luzido esplendor Varões famosos,
Que todo o verso pedem d'altas Musas:
O ilustre Black o ar dos corpos fixa:
Scheele do fogo a natureza indaga,
Franklin descobre a Eléctrica virtude:
E o grande Priestley, que se eleva aos astros
As aéreas substancias te analisa.

(...)



Dr. António Ribeiro dos Santos (1745-1818)

A FABRÍCIO

Avisando-o que tenha medida em seus estudos,
e não deixe por eles o trato dos seus amigos

Se teus severos ríspidos estudos
Sofrem descanso uma hora, os olhos volta
Às cartas dos amigos. Já são quatro,
Que te tenho mandado, sem té agora
Ter resposta de ti, nem saber novas.
Que mania te traz tão alheado
De teus caros amigos, de ti mesmo?
Engolfado inda estás nesses estudos
Da Física profunda, nos segredos
Da vasta, da sublime Astronomia?
Gastas o claro dia, a noite gastas,
Consomes a saúde, e te envelheces,
Em mil combinações evaporado:
Uma hora indagas, porque o fogo ardente
No Céu convexo o alto assento busca;
A levidão do ar outra hora pesas,
Que às avidas mãos te escapa, e foge.
Umás vezes meditas, como a terra
No circumfuso ar está pendente
Em seus pesos direita: como os braços
A marinha Anfitriite cristalinos
Ora alarga, ora encolhe sobre as praias:
Outras vezes saber procuras, donde
Rebentam em tropel os duros euros
C'os bravos aquilões fortes brigando;
Donde as chuvas, e as neves flutuantes,
Donde o saltão granizo, donde o raio
Ardente vibra as tortuosas frechas.
Achas da terra estreitos os limites.
Estreito o áureo curso, que o Sol rege;
Mais longe te abalanças e atrevido,
Vais devassar os términos do mundo,
E ao largo plaino dos desertos ares,
Povoado de sustos, te remontas,
Entras nos vastos luminosos mundos,
Nesse povo de globos infinitos;
Co' sagaz astrolábio os astros medes,
Que o imóvel Céu no largo giro força;
E queres sujeitar às Leis soberbas
Os estrelados Orbes despedidos,
Esses mundos de luz, que vão seguindo,
Sem desmentir um ponto os dois caminhos,
Que Deus traçara com saber profundo.
As ignoradas órbitas calculas
Dos viajantes astros espantosos,
Das horrídas desgraças mensageiros;

E que tiras daí? És tu mais rico?
Gozas maiores bens, maior descanso?
Tens mais saúde, tens mais são costumes?
Conheces-te melhor, qual és? conheces,
Como te hás-de reger nas paixões feras?
Como deves curar teus males? como
Melhor c'os homens viverás, em quanto
Viver com eles te é forçoso? sabes
Melhor prever as voltas de teu fado?
Sabes mais dos teus fins, onde caminhas,
Onde hás-de ir dar no derradeiro dia?
Pois se nada de cousas, tão precisas
À vida, por teus cálculos sublimes
Podes medir, de que te serve, ó Fábio,
Pouco tempo de vida, que puderas
Levar em ócio brando c'os amigos,
Em profundos estudos consumi-lo?
Ah! volta, volta a ti; a ti te torna;
Torna-te, Amigo, aos amigos; torna-te
Desse ermo, em que ora vives, todo abstracto,
Ao mundo social, a que és devido:
Torna-te a mim, que te amo; não de balde
Formou em nós o Céu esta amizade.

António Ribeiro dos Santos
(*Elpino Duriense*), Poesias (vol. 1), 1812